

## O PAPEL DOS PRESBÍTEROS NA PASTORAL VOCACIONAL

Nesta reflexão despretensiosa<sup>1</sup>, parto de um dado teológico, confirmado pela experiência: habitualmente, toda a vocação é mediada. Sem pôr minimamente em questão que é o Senhor quem chama para o serviço da comunidade e que o pode fazer por vias que escapam à nossa percepção intelectual, o que pretendo afirmar é um dado da experiência: que o mesmo Senhor o faz por intermédio de ou mediante alguém.

Importa considerar isto porque, num passado relativamente recente, atribuía-se um certo automatismo à conhecida ordem de Jesus: *“Pedi ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe”* (Lc 10, 2). Nesta perspectiva: como se bastasse rezar para que as vocações aparecessem. E não é verdade: é fundamental que se implore a graça das vocações, mas há, também, que proceder pastoralmente ao seu despertar. Uma coisa não exclui a outra.

Sem dúvida que toda a vocação é resposta à voz primeira que se nos dirige e convida a uma tarefa concreta para proveito da comunidade crente. Mas isso não exclui –antes supõe– a mediação. É o que se verifica nas grandes vocações referidas na Bíblia e sempre recordadas por alturas da «Semana do Seminário». O jovem Samuel respondeu afirmativamente à voz vinda do alto somente quando o seu Mestre Eli a interpretou como chamamento do Senhor (cf. 1 Sam 3, 1-10). Segundo o evangelista S. João, os primeiros seguidores de Jesus são precisamente dois discípulos do Baptista a quem este assegura: *“Aí vai o Cordeiro de Deus”* (Jo 1, 36). E um deles, André, é quem garantirá a Simão Pedro: *“Encontramos o Messias!”* (Jo 1, 41). E levou-o até Jesus, que lhe dirigiu o olhar que haveria de mudar, para sempre, a sua vida. No dia seguinte, Filipe, conterrâneo de André e de Pedro, e que provavelmente conheceu Jesus por intermédio destes dois irmãos, encontrou Natanael. Falou-lhe de Jesus e, após aquela resistência, tão tipicamente humana, que nos leva a tentar fugir ou a pôr dificuldades, acaba por se render a Quem, no amor, o chama a uma missão apostólica: *“Rabi, tu és o Filho de Deus! Tu és o Rei de Israel!”* (Jo 1, 49). Isto é: Eli, João Baptista, André e Filipe foram a mediação sem a qual não teriam surgido aquelas vocações concretas do profeta Samuel e dos Apóstolos André, Pedro e Natanael.

Na comunidade eclesial, obviamente, passa-se o mesmo. A Igreja sempre considerou o ministério ordenado não como prémio, direito ou autoproposta do candidato, mas como aceitação do convite da Igreja. É o que mostra a fórmula de apresentação em todos e qualquer um dos graus do Sacramento da Ordem: *“Reverendíssimo Padre, pede a Santa Igreja que ordeneis este nosso irmão para o ministério do...”*.

É isto mesmo que se exprime na frase-motivo escolhida para a celebração universal da 47ª Semana de Oração pelas Vocações, a decorrer de 18 a 25 de Abril próximo: *“Do testemunho ressurgem vocações”*. Nela se afirma claramente que o testemunho, pela sua natureza, é já uma mediação entre o Deus que chama e o que Lhe sente a voz no seu íntimo. E, simultaneamente, que a pessoa que dá testemunho é um verdadeiro mediador vocacional, mesmo que disso se não dê conta.

---

<sup>1</sup> Este texto reporta-se a uma comunicação oral apresentada no Seminário Conciliar de Braga na cerimónia de abertura solene das aulas e encerramento da «Semana dos Seminários». A pedido da direcção desta revista, passou-se a escrito, mas sem especiais preocupações de cientificidade, mormente a nível do aparato crítico ou da fundamentação de posições.

Ora bem, dando como suposto que esses mediadores podem ser vários –família, catequistas, a própria comunidade paroquial, os movimentos e obras de apostolado, os professores de EMRC, pessoas já consagradas, etc., etc.- fixemo-nos brevemente num dos mais importantes mediadores: os Presbíteros, mormente os Párocos. À base de sete pequenas ideias, desarticuladas e nem sempre de sequência lógica, tantas quantas os sacramentos que edificam a Igreja e com os quais ela mesma santifica a comunidade dos seus fiéis.

## 1. Do padre cultural ao servo-líder

A expressão é do Reitor do Seminário de Cleveland (Ohio, Estados Unidos da América)<sup>2</sup>. Tradicionalmente, predominou o «padre cultural». É a figura do sacerdote que se levanta às tantas da madrugada para celebrar a Missa, reza a Liturgia das Horas pelo seu povo e permanece o resto do dia à disposição dos paroquianos para qualquer acto religioso eventual: «baptizar, casar e enterrar».

Esta figura sacerdotal marcou –muito positivamente!- uma época: o tempo da cristandade. Expressia visivelmente uma Igreja preocupada com o bem espiritual dos seus fregueses. Mas não deixou de se conotar, também, com uma noção de Igreja-fortaleza, fechada, aparte, não dialogante e, frequentemente, intolerante. Era o modelo eclesiológico pré-conciliar: quem quisesse a salvação, que a fosse procurar à Igreja. E, nesse caso, sim: abriam-se as pesadas portas do castelo onde a Igreja se tinha refugiado.

Mas o modelo do Vaticano II e aquele de que o nosso mundo precisa não é esse: é o de uma Igreja aberta ao exterior, missionária, que sabe que grandes massas já a não procuram e que, por isso mesmo, está na disposição de ser ela a procurar as pessoas no lugar onde se encontram: no meio do mundo. E que se dá conta de que, actualmente, o primeiro modelo gera o anticlericalismo, pois para o vulgo passa a ideia do «padre preguiçoso» ou do padre sempre em passeio, expresso na corriqueira e ofensiva frase: “*Não há vida como a de padre...*”. Ao passo que causa respeito o padre servidor da comunidade e líder que congrega e incentiva no desempenho dos vários serviços e ministérios.

O primeiro modelo, na melhor das hipóteses, limita-se a mandar para o Seminário ou para o noviciado um/a jovem que isso lhe solicite; o segundo, promove a pastoral vocacional, aproxima-se das pessoas, procura captar a sua simpatia, forma-as na fé e no serviço à comunidade e ousa interpela-las: “*Olha lá, já pensaste em ser Padre/religiosa? Parece-me que tens jeito para isso*”. Esta figura sacerdotal tem gerado muitas e das melhores vocações.

## 2. Padre «anunciador da misericórdia de Deus» e não mero «instituidor da moralidade»

Em Igreja, há níveis e etapas que se têm de respeitar, sob pena de retirarmos o que é de Cristo e introduzirmos do nosso. Assim, a fé e a moral não se podem colocar ao mesmo nível: a fé detém a primazia absoluta e a moral é sempre um seu derivado. É sempre a formulação da resposta à pergunta originária, já colocada no início da comunidade cristã: “*Então, que devemos fazer, irmãos?*” (Act 2, 37). O «crer» é que molda o timbre do «fazer».

O sacerdote, obviamente, é o homem da fé: fé pregada, vivida e celebrada. E toda a evangelização ou pastoral anda à volta disto. Só que a experiência histórica indica-nos que, nas épocas de crise, quando falta a fé, se insiste quase exclusivamente na moralidade, porquanto esta se apresenta como o conteúdo mais observável e, por consequência, o mercúrio do termómetro eclesial, o último reduto que não se pode abandonar sob pena de derrocada total.

---

<sup>2</sup> D. B. COZZENS, *La faz cambiante del sacerdocio. Sobre la crisis anímica del sacerdote*. Santander: Sal Terrae, 2003, p. 25.

Ora, pregar a moralidade é um bem e uma necessidade. Só que, neste contexto, se prega inicialmente como oposição ao «espírito do mundo» e, logo a seguir, como verdadeira oposição ao mundo. Ao mundo das pessoas concretas, logicamente. O sacerdote rejeita –e muito há a rejeitar!- mas fica sempre e somente na oposição. Fica... «padre do contra». E isso não motiva nem entusiasmo. Poderá um jovem deixar-se cativar pela pura negatividade, pela ideia da desgraça perante tudo e perante todos? Obviamente que não.

O evangelizador tem, de facto, de alertar para tantos perigos que se opõem à moralidade cristã e podem mesmo destruir a nossa cultura ocidental de base humanista. Mas tem, muito mais, de anunciar o amor misericordioso e transformador do Pai que enviou o Filho para retirar o pecado do mundo e que age nele e o leva a porto de salvação pelo Espírito Santo. E isto –que não nega as dificuldades do tempo, mas as insere optimisticamente no sentido da história- sim, já é entusiasmante: não faltarão jovens que se disponham a anunciar e colaborar neste desígnio salvífico de que o mundo carece.

### **3. Padre «não-maleficiente», antes de «beneficiente»**

Hipócrates é como as Cortes de Lamego: não se sabe se existiram, mas os princípios de ética médica reportam-se a ele, tal como o direito de sucessão dinástica da Coroa portuguesa se baseava naquelas. Ora, dos quatro princípios tradicionais de ética médica, dois são fundamentais: primeiro, o da não-maleficência; depois, o da beneficência. E por esta ordem. É que pode não se chegar a fazer bem porque as circunstâncias já o não permitem; mas, ao menos, que não se faça mal.

Por analogia, estes princípios também se aplicam ao clero. Também este, se possível, é chamado a fazer bem. Mas –e isto é muito sério- pelo menos, é obrigado a não fazer mal. Porque, consciente ou inconscientemente, pode fazer mal. E muito! Era a dar-se conta disso e para o evitar que um jovem sacerdote, no dia da sua ordenação, assim escrevia no seu diário: *“Agora sou sacerdote. Tenho a capacidade ilimitada de obstaculizar o bem e de converter o vinho em água!”*<sup>3</sup>.

Padres mandões, autoritários, isolados, clericais, inconscientemente divisionistas, conflituosos, segregacionistas, materialistas... podem atrair a simpatia de alguém, mormente dos jovens? Alguém estará na disposição de colocar a sua vida ao serviço de causas de guerrilhas permanentes com a comunidade que se devia servir? Sem nos darmos conta, nós, os ministros ordenados, podemos constituir-nos causa próxima de arrefecimento ou abandono vocacional. E isso é grave.

### **4. Padre sacerdotal-elesial, para ser menos clerical**

Por motivos históricos seculares, o sacerdócio católico revestiu-se de poder. E a Igreja, nele visibilizada, tornou-se também ela sede de poder. Pelo menos do poder ético-social, quando não do jurídico-administrativo. Pensemos na baixa Idade Média, aquando das invasões dos povos bárbaros e, mais perto de nós, nos Cardeais franceses primeiros-ministros: Richelieu, Mezzarino, etc. Depois, este poder civil foi violentamente retirado à Igreja. Mas, nas mentalidades mesquinhas e massificadas de muitos dos seus opositores, permaneceu a inveja e até o ódio. E, no interior da Igreja, com frequência, ficou a nostalgia desses «tempos áureos».

Mesmo que tenha passado este tempo mental do poder administrativo, permaneceu um outro, não menos perigoso: a Igreja identificou-se com o clero e quase deu a impressão que existia por causa deste e não este por causa daquela. Devido à enorme quantidade de clérigos

---

<sup>3</sup> J. GALLAGHER: *The Pain and the Privilege*. New York: Image Books, 1983, p. 245.

que esta mentalidade originou, os leigos foram afastados e minorizados. E o afastamento gerou o anticlericalismo. E gerou-o na proporção directa do clericalismo.

Sabemos bem quanto este anticlericalismo militante envenenou e envenena as relações da Igreja com a sociedade e como se constituiu mesmo em motor de factos que condicionaram e guiaram a história dos séculos XIX e XX. O próximo centenário da República faz-nos recordar este dado. E não será difícil imaginar que este terá sido um dos elementos que mais contribuiu para deslocalizar a tradicional base de «recrutamento» de vocações sacerdotais: antigamente, dos meios citadinos e das classes altas; na modernidade, quase exclusivamente nos meios rurais e menos abastados<sup>4</sup>.

E sabemos ainda outra coisa: que este anticlericalismo é o pior inimigo das vocações. No seio da chacota corrosiva, das gracinhas irreverentes, do gozo subtil e, muito mais, da oposição declarada, não é provável que adolescentes e jovens aguentem o desafio vocacional, eles que não detêm ainda uma personalidade formada e solidificada e que, como tal, estão mais susceptíveis a não assumir opções pessoais, mas a dissolverem-se no anonimato do grupo. Por isso, estou em crer que o anticlericalismo é um sério entrave às vocações ditas de especial consagração. E que o problema do anticlericalismo só se resolve quando desaparecer o clericalismo.

## 5. O sacerdote como poeta e «guarda do ser»

A expressão é de Rainer Maria Rilke<sup>5</sup>. Deixando de lado o que poderia ser uma útil reflexão, à base da obra deste poeta checo, da passagem da natureza à graça, do material para o espiritual, do sem-sentido para o Sentido Último, do inteligível para o Mistério Definitivo, apenas chamaria a atenção para a necessidade de uma nova relação simpática, anímica, de comunicabilidade do sacerdote com a vida.

A complexidade da vida contemporânea, as novas exigências pastorais, as frequentes tarefas sociais, o atendimento personalizado e as muitas reuniões, a diminuição do número de sacerdotes, as habituais correrias entre Paróquias ou serviços distribuídos, etc., podem transformar o padre num agitado executivo, cansado e vazio. Sem tempo para a oração e para a leitura, para os amigos e para si próprio, este sacerdote corre o risco de se tornar mal-humorado e tristonho, quando não stressado e psicologicamente doente.

É óbvio que ninguém procura isso por o desejar. É óbvio que esse estado de coisas é motivado por uma enorme vontade de servir a Igreja e de zelo apostólico. Mas esse fim bom ou motivação boa não justifica um meio mau: o do activismo e efficientismo. O sacerdote, mormente o jovem, tem de saber distinguir o principal do secundário, tem de ser capaz de se rodear de bons colaboradores e abrir mãos de funções que podem não ser tipicamente suas, tem de dar-se conta de que a Igreja precisa dele durante longos e saudáveis anos e não mártir da sua própria agitação. Para isso, há que conciliar as novas exigências do ministério com o sentido poético da existência, o convívio e o bom humor, com a contemplação e a reflexão, típicas da Idade Apostólica, do franciscanismo nascente e até do «pároco da aldeia», como tão bem o descreveu o romantismo do século XIX.

---

<sup>4</sup> Se é verdade que todos possuem a mesma dignidade, também não deixava de ser constrangedor que, até há algum tempo, raramente aparecia uma vocação nas classes altas e no meio universitário. Graças a Deus, parece que esta situação se está a alterar. Pense-se, por exemplo, nos Jesuítas que, tal como no tempo de Santo Inácio e sua actuação na Sorbonne, obtêm nas universidades a maior parte das suas vocações. Semelhante processo de despertar vocacional vamos encontrar na Prelatura da Opus Dei e nos Legionários de Cristo. E também nas Dioceses, começa a ser frequente encontrar-se médicos, engenheiros, jornalistas, economistas e outros que ingressam no seminário. Sinal de que as coisas estão a mudar. Positivamente.

<sup>5</sup> R. M. RILKE, *As elegias de Duíno*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1993.

Num mundo de agitação e de correrias, em que o estilo de vida de alguns presbíteros é como que reflexo do que geralmente se passa na sociedade contemporânea, faz falta uma referência de tranquilidade e de paz. Não passará por aqui, pela oferta de algo novo numa sociedade doente, o despertar vocacional dos jovens? Creio que sim. Pelo menos, daqueles que se recusam a ser mais um animal balante no meio do grande rebanho da sociedade de massas e de consumo.

## **6. Sacerdote que tem tempo para os seus seminaristas**

Há quem diga que esta extraordinária «invenção» do Concílio de Trento que são os seminários obteve melhores resultados nas Ordens e Congregações Religiosas que nas Dioceses. É que tudo leva a crer que a melhor formação é a realizada em «contexto profissional». Pensemos nos médicos e enfermeiros. E enquanto entre os religiosos isso é possível, já que, no contacto diário com eles, os formandos como que absorvem o «carisma e espírito» da obra, nos seminários diocesanos insiste-se muito na formação humana, espiritual e intelectual, mas quase sempre na ausência dos sectores onde o futuro sacerdote irá desempenhar o seu ministério.

Para atalhar este problema, actualmente, os seminários procuram inserir os alunos, a pouco e pouco, em algum sector da pastoral. Mas importa outra colaboração, esta bem mais determinante: que nas férias e nas frequentes idas a casa, os Párocos aproximem de si os seus seminaristas e os façam participar do estilo da sua vida pastoral. Se os atraírem e os puserem a circular consigo, não só evitam o sempre prejudicial isolamento e a tal ociosidade que continua a ser «mãe de todos os vícios», como lhes vão passando, naturalmente, o “*sensus ecclesiae*” e o amor às coisas da fé e da religião.

Há muitas formas desta aproximação do seminarista à vida do seu pároco. Por exemplo, há quem, às Quintas feiras, dia do sacerdócio ministerial, reze com o seu seminarista, lhe dirija a palavra em breve meditação espiritual, lhe ofereça o pequeno almoço e outras refeições e o mantenha na residência paroquial em simples trabalhos de cartório ou outros. E isto é muito válido. Desde que se evite um outro perigo extremo: que, à base da distribuição de específicas tarefas, se faça do seminarista um clérigo antes do tempo ou um padre sem ordenação. Que também os há.

## **7. Sacerdote que se relaciona bem com o Seminário e com a Diocese**

É preciso reconhecê-lo com franqueza: em um ou outro sacerdote há azedume ou complexos anti-Seminário e anti-Diocese. Há juras de não mais lá voltar. Pode acontecer que, para isso, o sacerdote tenha as «suas razões». Isso não está em causa. Mas a verdade é que os complexos continuam a ser doenças psíquicas. E, evidentemente, as doenças não podem favorecer as vocações sadias.

No tempo de hoje, em que as comunicações estão imensamente facilitadas, a reflexão teológica ressalta o valor da família presbiteral e a formação contínua é não só um dever, mas, muito mais, um direito inalienável, se alguém se isola, não participa nas actividades diocesanas, não se conduz pela comunhão plena com o seu bispo e não vive o espírito de verdadeiro presbitério, constitui-se, objectivamente, em contra-testemunho. Contra-testemunho e contra-Igreja como ela é.

Nestas circunstâncias, é claro que seria uma contradição que alguém incentivasse uma pessoa a dedicar a sua vida à Igreja diocesana se ele mesmo, afectiva e efectivamente, dela se separou. Mesmo que exerça o ministério. Só o que vive o seu presbiterado de forma alegre e jubilosa, com ardor missionário e espírito de verdadeira fé na Igreja diocesana, em clima de

fraternidade sacerdotal, pode incentivar outros à resposta positiva ao Senhor que chama e à oferta da vida ao serviço da comunidade eclesial.

## **Conclusão**

A vocação escapa a toda a lógica humana. Sendo originada em Deus transcendente, ela é sempre dom e mistério. Por conseguinte, inerente à vocação está sempre algo de indecifrável e que se subtrai à nossa capacidade de regulamentação jurídica ou mental e às nossas técnicas humanas de persuasão e de marketing.

Não obstante, o tomar consciência ou dar-se conta desta «voz que chama e envia» acontece, quase sempre, mediante pessoas ou instituições. Foi assim nos tempos bíblicos, como continua a ser hoje. E entre estes mediadores, em posição insubstituível, está o sacerdote. É ele o protótipo concreto, o modelo a ter presente na hora da decisão e da resposta. É a lógica das coisas: se o jovem se coloca a ideia do sacerdócio, pensa imediatamente nas figuras sacerdotais que conhece.

É aqui que entre a necessidade de uma reflexão sobre a interligação presbítero/vocação. Um presbítero verdadeiramente «eclesial» favorece o despertar vocacional e a resposta positiva, alegre e confiante. De contrário, o próprio sacerdote pode colocar-se, objectivamente, como estorvo e empecilho. Aquele “*Vinde e vereis*” (Jo 1, 39) com que Jesus convidou alguns dos primeiros Apóstolos seria para os desanimar ou antes para que, no conhecimento da Sua intimidade amorosa, também eles se entusiassem no amor do Pai e no serviço à comunidade cristã nascente? A resposta não é difícil.

+ MANUEL LINDA